



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
CURSO DE DESIGN-MODA

BEATRIZ AMORIM LINDOSO

TRANSIÇÃO CAPILAR E IDENTIDADE: O CABELO COMO UM DEMARCADOR
DE FRONTEIRAS SOCIAIS ENTRE ESTUDANTES DE DESIGN-MODA EM
FORTALEZA

FORTALEZA

2017

BEATRIZ AMORIM LINDOSO

**TRANSIÇÃO CAPILAR E IDENTIDADE: O CABELO COMO UM DEMARCADOR
DE FRONTEIRAS SOCIAIS ENTRE ESTUDANTES DE DESIGN-MODA EM
FORTALEZA**

Monografia apresentada ao Programa de Graduação em Design-Moda da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Design-Moda.

Orientador(a): Profa. Dra. Francisca Raimunda Nogueira Mendes

FORTALEZA

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

L724t Lindoso, Beatriz Amorim.
Transição capilar e Identidade : o cabelo como um demarcador de fronteiras sociais entre estudantes de Design-Moda em Fortaleza / Beatriz Amorim Lindoso. – 2017.
53 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e Arte, Curso de Design de Moda, Fortaleza, 2017.
Orientação: Profa. Dra. Francisca Raimunda Nogueira Mendes.

1. Cabelo cacheado/crespo. 2. Identidade. 3. Racismo. I. Título.

CDD 391

BEATRIZ AMORIM LINDOSO

**TRANSIÇÃO CAPILAR E IDENTIDADE: O CABELO COMO UM DEMARCADOR
DE FRONTEIRAS SOCIAIS ENTRE ESTUDANTES DE DESIGN-MODA EM
FORTALEZA**

Monografia apresentada ao Programa de Graduação em Design-Moda da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Design-Moda.

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Francisca Raimunda Nogueira Mendes (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Maria Dolores de Brito Mota
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Msc. Gabriela Vieira Rebouças
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Aos meus pais, Raquel de Fátima Ribeiro
Amorim e José Ribamar Penha Lindoso.

AGRADECIMENTOS

Acima de tudo, à minha família, em especial à minha mãe Raquel, por sempre acreditar nos meus sonhos e respeitar minhas escolhas. À minha irmã Tais, por ter passado pela transição capilar junto comigo. Ao meu pai José Ribamar e à minha madrasta Aniquele, que mesmo morando longe (em São Luís – MA) sempre me incentivaram bastante por telefone. À minha tia Roseane Amorim, por sempre acreditar no meu potencial e por ter me ajudado comprando vários dos livros que eu precisei para este trabalho. À minha avó Maria, que apesar de não ter tido tantas oportunidades, sempre me incentivou a estudar e torceu muito por mim.

Ao meu namorado Emanuel, por estar sempre presente me ajudando a relaxar e me apoiando emocionalmente, mesmo nos momentos mais difíceis em que eu estava cansada e estressada por conta da rotina.

Às minhas amigas do curso Design-Moda, em especial à Rebeca, Juliana, Thamires e Larissa, com quem dividi angústias e alegrias e que compartilharam comigo várias experiências e trabalhos ao longo da graduação.

Ao PET Moda UFC, por ter me possibilitado aprender muito sobre pesquisa e trabalho em grupo durante esse um ano e meio que estou lá.

Às professoras participantes da banca examinadora Maria Dolores de Brito Mota e Gabriela Vieira Rebouças pelo tempo e pelas valiosas sugestões.

Às estudantes entrevistadas, pelo tempo concedido nas entrevistas e pelas fotos pessoais cedidas para ilustrar este trabalho, em especial à Monique Parente, por ter me encorajado a passar pela transição capilar e por ter cortado meus cabelos ao fim dela. Esse processo foi fundamental para que eu chegasse a várias reflexões importantes e ao tema deste trabalho.

E, por fim, à minha orientadora, Profa. Dra. Francisca Mendes, pelas aulas riquíssimas, pela ajuda com esta pesquisa enquanto a mesma era apenas um projeto e principalmente, pelos ensinamentos, críticas e sugestões, sem os quais este trabalho não seria o mesmo.

“O cabelo é um desses sinais diacríticos que podem ser utilizados para essa mudança de status, pois é visto como uma marca ou sinal que melhor e mais decididamente que qualquer outro expressaria – ou negaria – o orgulho negro” (GIACOMINI, 2006).

RESUMO

Este trabalho procura analisar o cabelo como um elemento de construção da identidade da mulher negra, bem como verificar se a transição capilar colabora com os movimentos de valorização da estética negra em meio a um contexto de supremacia do padrão de beleza caucasiano, que foi instituído e consolidado pela moda. Tem como objetivo principal entender quais as relações entre a aceitação do cabelo cacheado/crespo e as discussões sobre racismo atualmente. O trabalho teve como metodologia inicialmente a pesquisa bibliográfica, para a construção do referencial teórico da pesquisa, e posteriormente a pesquisa qualitativa, que se deu através da realização de entrevistas estruturadas com cinco mulheres negras do curso de Design-Moda da Universidade Federal do Ceará que passaram pelo processo de transição capilar. A partir das entrevistas, observamos que a principal motivação para que as informantes resolvessem recorrer ao alisamento capilar foi os comentários racistas relacionados aos seus cabelos, o que acabou transformando o alisamento em uma forma de fugir da inferioridade que lhes era imposta e de se aproximar do ideal de beleza vigente. Após anos alisando os cabelos, os sentimentos de insatisfação com aquela aparência e o dispêndio econômico somaram-se ao desejo de redescobrir suas próprias raízes, culminando na transição capilar, que apesar de ser um período difícil de lidar, foi amenizado por conta do apoio e encorajamento que as entrevistadas recebiam de algumas pessoas. Depois de finalizado esse processo, verificamos que essa mudança não ocorreu apenas em nível estético, ela foi importante para despertar uma autorreflexão em cada uma das informantes, que passaram a reconhecer o cabelo cacheado/crespo como tão bonito quanto qualquer outro.

Palavras-chave: Cabelo cacheado/crespo. Identidade. Racismo.

ABSTRACT

This work analyzes the hair as an element of the construction of the identity of the black woman, as well as to study if the capillary transition collaborates with the movements of valorization of the black esthetics in a context of supremacy of the caucasian beauty standard, that was established and consolidated by fashion. Its main objective is to understand the relationships between the acceptance of the curly/coily hair and the discussions about racism today. The work was initially based on bibliographical research, for the construction of the theoretical reference of the research, and later the qualitative research, which was carried out through structured interviews with five black women from the Fashion-Design course of the Universidade Federal do Ceará who have undergone the capillary transition process. Based on the interviews, we observed that the main motivation for the informants to decide to resort to hair straightening was the racist comments related to their hair, which turned hair straightening into a way to escape the inferiority that was imposed on them and to approach the ideal of prevailing beauty. After years of straightening hair, feelings of dissatisfaction with that appearance and economic expenditure were added to the desire to rediscover its own roots, culminating in the capillary transition, which despite being a difficult period to deal with, was softened by the support and Encouragement that the interviewees received from some people. After finishing this process, we verified that this change did not occur only at the aesthetic level, it was important to awaken a self-reflection in each of the informants, who came to recognize curly/coily hair as beautiful as any other.

Keywords: Curly/coily hair. Identity. Racism.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	A mistura das raças, de José Wash Rodrigues (1891-1957)	20
Figura 2 –	Tons de pele	24
Figura 3 –	Tipos de cabelo	25
Figura 4 –	Cabelos ondulados	28
Figura 5 –	Cabelos cacheados	29
Figura 6 –	Cabelos crespos	30
Figura 7 –	Textura natural x textura alisada	31
Figura 8 –	Maria Juliana em 2010, 2012 e 2017 (da esquerda para a direita)	36
Figura 9 –	Vitória Alves em 2015, 2016, 2016 e 2017 (da esquerda para a direita)	38
Figura 10 –	Vitória Maria em 2011, 2012, 2013, 2014, 2015 e 2016 (em sentido horário)	41
Figura 11 –	Letícia em 2011, 2014 e 2017 (da esquerda para a direita)	44

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ICA	Instituto de Cultura e Arte
PET	Programa de Educação Tutorial
UFC	Universidade Federal do Ceará

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	METODOLOGIA	17
2.1	Tipo de Pesquisa	17
2.2	Área de Abrangência	17
2.3	Plano de Coleta de Dados	18
2.4	Categorias Analíticas	18
2.5	Tratamento dos Dados	19
3	QUESTÃO RACIAL NO BRASIL	20
4	O CABELO E A IDENTIDADE DA MULHER NEGRA NO BRASIL	23
5	A RESSIGNIFICAÇÃO DA BELEZA NEGRA	27
5.1	Tipos de cabelo	27
5.1.1	<i>Tipo 2 - Ondulados</i>	28
5.1.2	<i>Tipo 3 - Cacheados</i>	29
5.1.3	<i>Tipo 4 - Crespos</i>	30
5.2	Transição capilar e <i>big chop</i>	31
6	A TRANSIÇÃO CAPILAR ENTRE AS ALUNAS DE DESIGN-MODA .	33
	CONCLUSÃO	46
	REFERÊNCIAS	49

1 INTRODUÇÃO

Quando se fala em identidade brasileira, um dos pontos mais recorrentes sem dúvida é a miscigenação, que aqui aconteceu de forma acentuada entre três etnias bastante distintas: o branco, o negro e o índio, configurando a geografia simbólica triangular da nação, explicada por Leitão (2009, p. 149). Essa mistura originou diversas teorias, como a democracia racial, de Freyre (2003) e a fábula das três raças, de Da Matta (1981), que contribuíram para uma visão romantizada da mestiçagem no Brasil, onde se acredita que as relações raciais ocorreram harmoniosamente.

Guimarães (1999, p. 105) afirma que o racismo pode referir-se não apenas às doutrinas, mas às atitudes (tratar de forma diferente as pessoas de diversas raças e culturas, ou seja, discriminar) e às preferências (hierarquizar gostos e valores estéticos de acordo com a idéia de etnia ou de cultura, de modo a inferiorizar sistematicamente traços fenotípicos – como a pele negra e o cabelo crespo, por exemplo -, ou características culturais – como uma religião específica). No que diz respeito às preferências, o racismo fica bem claro na hierarquização capilar, na qual o cabelo liso e o cabelo crespo representam dois extremos, correspondendo respectivamente ao cabelo “bom” e ao cabelo “ruim”.

É fato que nas interações branco/negro/índio, o branco sempre esteve em vantagem em relação aos outros, gerando uma submissão à hegemonia do padrão de beleza europeu, o que acarretou diversos processos de branqueamento – “clareamento” da família através da miscigenação e o alisamento dos cabelos - por parte da população não-branca. Porém, com o fortalecimento dos movimentos de valorização da estética negra – que têm se mostrado muito fortes nas redes sociais, como o Encrespa Geral¹ por exemplo -, as pessoas estão cada vez mais abandonando os alisamentos capilares e exibindo seus cabelos naturais. É por isso que tomo como objeto de análise o cabelo como expressão da identidade negra, visto que, segundo Gomes (2012, p. 8) o cabelo crespo na sociedade brasileira é uma linguagem e, enquanto tal, ele comunica e informa sobre as relações raciais.

Através de levantamento bibliográfico foi possível constatar que essa temática de racismo, branqueamento, identidade e autoaceitação já foi discutida anteriormente por outros autores, como Ortiz (1947), Freyre (2003), Gomes (2012), Quintão (2013), Louro (1997) e Guimarães (2016). Entretanto, na maioria dos casos, essa temática do racismo está

¹ Encrespa Geral é um movimento que promove atividades de valorização do cabelo natural crespo e cacheado. Dentre essas atividades se destacam os encontros que ocorrem em várias cidades do Brasil, onde são oferecidas palestras e promovidas rodas de conversa entre pessoas crespas e cacheadas.

relacionada à cor da pele do indivíduo, deixando uma lacuna no que diz respeito aos cabelos. Quintão (2013, p. 8) afirma que o cabelo é também um produtor de linguagem e, através dele, o indivíduo expressa sua identidade, seu conjunto de crenças e posiciona-se socialmente.

Silva e Santos (2014, p. 60) explicam que o ideal estético europeu é aceito e repassado, através de um modelo que diminui ao máximo, ou simplesmente exclui a participação dos negros na construção de um imaginário de beleza. Tal fato leva esses indivíduos a fazerem intervenções na própria aparência – dentre as quais se destaca o alisamento dos cabelos -, a fim de se encaixarem nesse padrão caucasiano idealizado.

A moda exerce grande influência sobre os padrões de beleza para a sociedade ocidental. Somado a isso há ainda a padronização de comportamentos, roupas, gírias, corpos e cabelos, em que a moda elege e considera certas categorias como sendo esteticamente “superiores” a outras. Quando se trata dos tipos de cabelos, se o liso (associado ao indivíduo branco) é eleito como o mais bonito, conseqüentemente, o cacheado e/ou crespo (associado ao negro) é colocado em segundo plano, sendo considerado feio. Para se adequar a esse padrão a “solução” seria o alisamento, que configura uma tentativa do indivíduo de “entrar na moda”.

Quando se alisa o cabelo definitivamente, a única forma de voltar ao natural é deixando o cabelo crescer. Esse processo de espera e de transição do alisado para o natural consiste na transição capilar, que pode durar de algumas semanas até alguns anos. Ao cortar toda a parte alisada deixando somente as mechas naturais, o processo de transição chega ao fim. É importante ressaltar que mais do que uma mudança estética, a transição – na maioria das vezes -, representa uma mudança interna também, acompanhada de um longo processo de aceitação, que conforme explicam Silva e Santos (2014, p. 61) se deve ao fato da estética dos cabelos ter exercido um papel de resistência, luta e posição política em diversos momentos históricos para os afrodescendentes. Devido a esse fato, este estudo toma como foco principal a análise do racismo pelo viés do cabelo, buscando compreender a importância do mesmo na construção da identidade.

Desse modo, este estudo procura compreender e responder os seguintes questionamentos: quais as consequências do racismo para os indivíduos negros? Através de quais formas esses indivíduos tentam se encaixar nos padrões estéticos europeus? De que forma o cabelo pode expressar identidade? Como os movimentos de resistência e valorização da estética negra estão se manifestando hoje? Quais motivações levam as mulheres a passar pela transição capilar?

Ao fim desses questionamentos foi possível compreender melhor o cabelo como um comunicador sobre as relações raciais que ultrapassa as barreiras estéticas, adquirindo significado de resistência e valorização da identidade negra.

Este estudo tem como objetivo geral entender quais as relações entre a aceitação do cabelo cacheado/crespo e as discussões sobre racismo atualmente. Tem como objetivos específicos analisar o histórico dos estudos raciais no Brasil; entender os significados intangíveis do cabelo, ultrapassando os limites estéticos; compreender as consequências da supremacia do padrão de beleza europeu no Brasil; observar como se manifestam os movimentos de valorização da estética negra no Brasil atualmente; entender as motivações que levam as mulheres a passar pela transição capilar.

Quando se pensa em Brasil, é muito frequente sua associação automática ao fenômeno da miscigenação, que, de acordo com Guimarães (2002, p. 2), no imaginário da maioria das pessoas aconteceu de forma harmônica. É comum ver a mestiçagem do povo brasileiro ser retratada de uma forma idealizada, como se desde sempre o branco, o negro e o índio tivessem tido as mesmas condições de vida. O povo brasileiro é de fato um povo misturado, mas é importante compreender que a miscigenação não necessariamente implica igualdade social e/ou racial.

Na dinâmica branco/negro/índio é possível perceber que o negro e o índio sempre estiveram marginalizados, o que acabou acarretando várias consequências negativas para essa população que não se encaixa nos padrões caucasianos de beleza. Procurando serem aceitos e se sentirem mais inseridos na sociedade, boa parte dessa população negra acaba recorrendo a algumas formas de branqueamento: o clareamento da família através da miscigenação; e principalmente o alisamento dos cabelos.

A partir da globalização as pessoas passaram a ter mais informações e a ampliar seus horizontes. Mackenzie (2010, p. 131) explica que principalmente por conta da internet, muitas pessoas que antes eram ignoradas pelos meios de comunicação tradicionais passaram a ter espaço de fala, o que acabou por influenciar uma mudança de valores e anseios na população. As pessoas – principalmente mulheres – têm passado a usar seus cabelos naturais, fato que representa uma mudança não só externa, mas também interna e dotada de muitos significados subjetivos.

Entender a relevância e abrangência dos movimentos de valorização da estética negra, bem como analisar os estudos raciais no Brasil ajuda a compreender e responder vários questionamentos interessantes sobre o cabelo como elemento de expressão da identidade,

além de possibilitar o entendimento acerca das motivações que levam as mulheres a parar de alisar os cabelos. A ampliação dos estudos científicos sobre este assunto funciona como uma forma de desconstruir preconceitos – de que o cabelo liso é “bom” e o crespo/cacheado é “ruim”, por exemplo - que estão há muitos anos arraigados na sociedade brasileira.

Este trabalho é composto por um total de quatro capítulos além da introdução, que é o primeiro item, e da metodologia, que constitui o segundo item. O capítulo três, intitulado Questão racial no Brasil, é uma discussão sobre os estudos raciais no Brasil, sendo visto pelo ângulo de diversos autores; o capítulo quatro O cabelo e a identidade da mulher negra no Brasil busca esclarecer os significados imateriais do cabelo de forma a ultrapassar os limites estéticos e entendê-lo como um marcador identitário, além de compreender as consequências da predominância do padrão de beleza caucasiano no Brasil; o capítulo cinco intitulado A ressignificação da beleza negra procura observar como se manifestam os movimentos de resistência negra no país e explicar as motivações que levam as mulheres a passar pelo processo de transição capilar; o capítulo seis A transição capilar entre as alunas de Design-Moda é composto pelos resultados das entrevistas realizadas com as estudantes do curso de bacharelado em Design-Moda da Universidade Federal do Ceará (UFC) que passaram pela transição capilar.

Através das entrevistas foi possível perceber que a principal motivação dessas mulheres para realizar o alisamento capilar foram os sentimentos de inadequação e reprovação social que as levavam a acreditar que seus cabelos cacheados/crespos eram “ruins”. Tais sentimentos mudaram radicalmente logo após o primeiro alisamento, já que com os elogios ao novo visual elas passaram a se sentir menos rejeitadas socialmente. No entanto, apesar da nova sensação de adequação e pertencimento, nem todas as entrevistadas estavam totalmente satisfeitas com a mudança capilar em si. O desejo de redescoberta foi, para todas elas, um fator decisivo (apesar de não ser o único) para a interrupção dos alisamentos, tornando a transição capilar um processo também de autorreflexão, processo após o qual elas alegaram se sentir muito mais felizes e satisfeitas consigo mesmas e com seus cabelos naturais.

2 METODOLOGIA

2.1 Tipo de Pesquisa

Para entender o tema proposto e solucionar os questionamentos levantados na problematização é necessário realizar dois tipos de pesquisa: a bibliográfica e a qualitativa.

A pesquisa bibliográfica, de acordo com Lakatos e Marconi (2003, p. 183) abrange toda a bibliografia já publicada relativa ao tema de estudo, e possibilita o exame desse tema sob um novo ponto de vista, possibilitando a geração de conclusões inovadoras. Ela se faz necessária para levantar dados que possam dar uma base científica para melhor compreensão das etapas posteriores da pesquisa, partindo de material teórico já existente. É importante recorrer a autores que já discutiram o tema em questão, principalmente para compreender a origem e evolução do mesmo no contexto do Brasil. Além de livros e artigos, foram consultadas também teses e dissertações.

Neves (1996, p. 1) afirma que a pesquisa qualitativa se caracteriza pelo contato direto e interativo entre o pesquisador e o objeto de estudo, onde o pesquisador procura entender os fenômenos de acordo com a perspectiva dos participantes da situação estudada e posteriormente aplica sua interpretação. A pesquisa qualitativa foi escolhida devido ao cunho subjetivo do tema proposto e se deu através da realização de entrevistas estruturadas.

2.2 Área de abrangência

Como universo desta pesquisa foram escolhidas cinco mulheres negras da cidade de Fortaleza que já passaram pela transição capilar, tendo como foco as estudantes do curso de Design-Moda do Instituto de Cultura e Arte (ICA) da Universidade Federal do Ceará (UFC). Essa amostra foi escolhida devido à densa pluralidade cultural dos discentes do curso e sua estreita relação com estética, artes e sociologia. Não houve critérios de faixa etária e classe econômica. Segundo Cruz Neto (1999, pp. 57-58), através das entrevistas é possível obter dados objetivos e subjetivos, sendo os subjetivos relativos aos valores, atitudes e opiniões dos sujeitos entrevistados.

Como a proposta do trabalho é compreender os significados imateriais do cabelo e entendê-lo como um elemento comunicador da identidade, foi escolhida a entrevista presencial, visto que ela proporciona maior liberdade e maior contato com o sujeito

entrevistado.

2.3 Plano de Coleta de Dados

As etapas de realização da pesquisa foram: A – Pesquisa bibliográfica - seleção e escolha das principais referências bibliográficas em livros, artigos, teses e dissertações sobre o histórico dos estudos raciais no Brasil, os significados intangíveis do cabelo e a valorização da beleza negra através da transição capilar; B – Levantamento de dados – realização de entrevistas estruturadas, que ocorreram no período de 05 a 13 de outubro de 2016 e que foram gravadas e transcritas; C – Tratamento dos dados – análise e interpretação dos dados.

2.4 Categorias Analíticas

As categorias analíticas são aquelas que retêm as relações sociais fundamentais e podem ser consideradas balizas para o conhecimento do objeto nos seus aspectos gerais (Minayo, 2004).

Para este trabalho foram consideradas as seguintes categorias analíticas: cabelo cacheado/crespo, identidade e racismo, visto que o objetivo principal deste trabalho é entender quais as relações entre a aceitação do cabelo cacheado/crespo e as discussões sobre racismo atualmente, tendo o cabelo afro como um importante elemento comunicador da identidade negra.

Identidade seria, de acordo com Nascimento (2003, p. 30), uma espécie de encruzilhada existencial entre indivíduo e sociedade em que ambos vão se constituindo mutuamente. Nesse processo o indivíduo articula os referenciais que orientam sua forma de agir e de mediar seu relacionamento com os outros, com o mundo e consigo mesmo através de sua própria experiência de vida e das experiências coletivas de sua comunidade e sociedade, aprendidas na sua interação com as outras pessoas.

Guimarães (1999) descreve o racismo como uma forma de explicar diferenças pessoais, sociais e culturais a partir de diferenças tomadas como naturais. O autor não fala apenas de racismo, mas de racismos e afirma ainda que cada racismo só pode ser compreendido, portanto, a partir de sua própria história, partindo daí a necessidade de entender a lógica do racismo brasileiro a partir da formação de nossa identidade.

2.5 Tratamento dos Dados

A metodologia de pesquisa para o tratamento dos dados foi análise e interpretação de dados, que segundo Creswell (2007) consiste em extrair sentido dos dados de texto e imagem, envolvendo a preparação dos dados para análise, condução de análises diferentes, aprofundamento progressivo no entendimento dos dados, representação dos dados e interpretação do significado mais amplo dos dados.

Após a coleta dos resultados das entrevistas, o material obtido foi analisado em um estudo monográfico.

3 QUESTÃO RACIAL NO BRASIL

O Brasil é popularmente conhecido como um país miscigenado, no qual a mistura das etnias supostamente aconteceu de uma forma harmônica e bem sucedida, criando a idéia de que todos os indivíduos, independentemente das suas características fenotípicas, são iguais perante a sociedade. Guimarães (2002, p. 2) afirma que essa idealização do Brasil como uma sociedade sem “linha de cor” já era bastante difundida no mundo, especialmente na Europa e nos Estados Unidos antes mesmo do nascimento da sociologia. Essa visão está diretamente ligada ao fato de não haver barreiras legais que impeçam a ascensão social de “pessoas de cor”.

A mestiçagem no Brasil se deu através da mistura de três raças elementares: o branco, o negro e o índio, que, segundo Leitão (2009, p. 149) constituiriam a geografia simbólica triangular da nação, representando, respectivamente, o Rio de Janeiro, a Bahia e a Amazônia.

Figura 1 – A mistura das raças, de José Wash Rodrigues (1891-1957)



Fonte: <<https://ceticosblog.files.wordpress.com/2013/12/misturarac3a7as.jpg>>. Acesso em 20 de Nov. 2015.

No entanto, desde o princípio do reconhecimento dessas interações raciais, de acordo com Ortiz (1947, p. 19), a sociedade atribuiu à raça branca uma posição de superioridade em relação às outras, gerando uma disparidade racial, que deixa vestígios até hoje. Tal disparidade, conforme afirma o autor (1947, p. 21), poderia ser corrigida a partir do

processo de branqueamento da sociedade brasileira, através do qual seriam extintos os estigmas das raças tidas como inferiores. O branqueamento se daria através da miscigenação do povo brasileiro com os imigrantes europeus que chegavam para suprir a carência de mão-de-obra após a abolição da escravidão. Assim, a população brasileira iria gradualmente se “clareando”, se aperfeiçoando e deixando para trás os defeitos intrínsecos do negro e do índio (como os traços fenotípicos, por exemplo), o que, de acordo com Cruz (2013, p. 71), configuraria a mestiçagem “ideal”. Dessa forma, como explica a autora, o mestiço ideal seria aquele fenotipicamente branco, ou no máximo um indivíduo de pele clara e cabelos cacheados, pois o cabelo crespo é uma característica inegavelmente negra. Essa idéia de branqueamento é comum até os dias de hoje, pois para alguns indivíduos negros caso eles tenham filhos com pessoas brancas, poderão assim “branquear” a família.

Já Gilberto Freyre (2003), contrapondo-se ao pensamento de Ortiz (1947), apresenta uma visão um tanto utópica das relações de mestiçagem no Brasil. Para ele, a miscigenação teria amenizado as disparidades entre as raças, dando origem à uma sociedade mais uniforme. Através do seu livro ‘Casa Grande e Senzala’ houve a difusão do termo “democracia racial”, que parte de que as relações entre o branco, o negro e o índio ocorreram de forma harmônica, onde nenhum dos envolvidos sairia prejudicado. De fato, esse conceito de democracia racial é equivocado, uma vez que a raça branca sempre esteve em uma posição privilegiada em relação às demais. Privilégio esse, que pode ser notado ainda hoje através do enaltecimento da estética branca, por exemplo.

Conforme explica Cruz (2013, p. 70), Nina Rodrigues era um tanto radical, afirmando que a miscigenação no Brasil era um caso perdido e que seria necessário um código penal que garantisse proteção aos brancos civilizados contra a barbárie da mestiçagem, dos negros africanos e dos indígenas. Segundo ele, a nação precisava julgar diferentemente os “civilizados” dos “não-civilizados”, o que indiretamente acaba por acontecer ainda hoje devido às barreiras socioeconômicas e raciais que continuam dividindo a população em ricos (predominantemente brancos) e pobres (majoritariamente negros).

A “democracia racial” de Freyre (2003) está ligada ao mito das três raças que Ortiz (1947, p. 43) diz ser prejudicial às manifestações de cor. Ao passo que o mito das três raças permite aos indivíduos conhecer e interpretar as relações sociais que eles mesmos vivenciam, ele também prejudica certas manifestações de cor, tirando sua especificidade e transformando-as em nacionais. Ao nacionalizar determinado movimento, as origens e singularidades do mesmo vão se esvaziando, o que acaba acarretando uma dificuldade em

definir o que é o negro no Brasil. É possível perceber ainda nos dias atuais os reflexos desse esvaziamento das singularidades dos movimentos negros, uma vez que se torna muito cômodo para todos se reconhecerem simplesmente como brasileiros.

A existência do racismo no Brasil é questionada e até mesmo negada por grande parte da população brasileira, que atribui à miscigenação o caráter de “prova” definitiva de inexistência do racismo. Guimarães (1999, p. 39) explica que os brasileiros se imaginam numa democracia racial, a qual é inclusive uma fonte de orgulho nacional, que serve, no nosso confronto e comparação com outras nações, como prova incontestável de nosso *status* de povo civilizado.

O fato de os estereótipos negativos estarem diretamente associados à cor e à raça negra fez também com que os brasileiros mestiços e grande parte da população com ascendência africana, de maneira geral, não se classificassem como negros, gerando um grande número de denominações para se designar as cores dos não brancos, como: moreno, pessoa de cor, marrom, escurinho etc. (SCHUCMAN, 2012, p. 44).

É muito comum ver pessoas negras atenuando sua negritude na classificação racial simplesmente porque elas não se reconhecem como negras ou porque o negro sempre foi associado a coisas ruins, o que acaba por ser uma consequência dessa ideia de superioridade da identidade branca citada por Ortiz (1947). Além do país “se branquear” em relação à classificação racial, o indivíduo branco tenderia a recusar qualquer mistura biológica ou cultural com o negro, pois assim todos fugiriam dos estereótipos negativos relacionados ao negro em nossa cultura.

Essa atenuação ou até mesmo negação da própria negritude não se manifesta somente em situações de classificação racial, ela se concretiza também através dos processos de branqueamento individual (desde o alisamento dos cabelos até as cirurgias para afinar o nariz) e de embranquecimento da família (onde existe a busca pelo casamento com pessoas brancas).

4 O CABELO E A IDENTIDADE DA MULHER NEGRA NO BRASIL

É necessário um processo de autorreflexão, para que cada pessoa possa se sentir pertencente a uma determinada categoria de identidade. Louro (1997, p. 51) afirma que um sujeito possui várias identidades, dentre as quais estão o gênero, a classe social, a nacionalidade, a etnia e algumas outras categorias. Todas essas identidades estão ao mesmo tempo constituindo o ser humano e se articulando entre si, podendo ser expressas de diversos modos, desde a forma como o indivíduo se comporta até a maneira como ele se veste.

Para Cruz (2013, p. 74) se o processo de formulação identitária acontece na interação e na afirmação do sujeito sobre si, ele só se realiza como processo de identidade quando é reconhecido pelos demais membros do grupo como tal, sendo assim, a construção das diferenças não pode existir no isolamento. Dessa forma, o jogo de interação entre os sujeitos é que produz minorias e é exatamente nesse contexto que o uso do cabelo crespo natural tem assumido um lugar privilegiado nos discursos identitários, ou seja, através da interação entre grupos distintos (brancos e negros, por exemplo) é que o uso do cabelo crespo natural se consolida como processo de afirmação de identidade.

O cabelo também é uma importante forma de expressão, que reflete aspectos essenciais da identidade étnica de um povo. Ele é muito mais do que um elemento estético tangível, ele carrega diversos significados imateriais e expressa singularidades. Através do cabelo, o indivíduo pode expressar sua identidade, suas ideias e suas crenças.

Quintão (2013, p. 17) explica que pelo menos desde o século XIX, o cabelo liso do branco europeu vem sendo associado a características positivas enquanto o cabelo crespo do negro vem sendo chamado de cabelo “ruim”, criando uma hierarquia onde o crespo é inferior ao liso. Ver o cabelo crespo como “ruim” e o liso como “bom” configura claramente uma situação de racismo, pois o que é o racismo senão a supremacia de uma raça sobre a outra? A hierarquia não existe somente na relação branco/não-branco, ela também está presente na interação dos negros e dos demais indivíduos não-brancos entre si, tanto no que diz respeito à cor da pele quanto no que diz respeito ao tipo de cabelo:

Nos Estados Unidos, por exemplo, próximo ao fim da escravidão, cabelos mais lisos representavam vantagens sociais e econômicas para o negro. [...] o favorecimento dos cabelos mais lisos e da pele mais alva estabeleceu uma hierarquia entre os escravos, na qual aqueles de pele mais clara e cabelos mais lisos eram mais desejados e valorizados – custando quase cinco vezes mais em leilões de escravos – que aqueles de pele mais escura e cabelos crespos (QUINTÃO, 2013, p. 17).

É possível perceber nitidamente a manifestação de um discurso que estabelece

uma escala hierárquica entre os tipos de cabelos e os tons de pele, onde os pólos extremos constituem-se do cabelo liso e da pele mais clara (pólo positivo) e do cabelo crespo e da pele mais escura (pólo negativo). Tudo que se encontrar no meio desses dois pólos extremos constitui uma escala de gradação, na qual quanto mais perto de um dos extremos, mais o indivíduo será caracterizado como bonito/adequado ou feio/inadequado.

Figura 2 – Tons de pele



Fonte: < <http://patriciasachs.com.br/wp-content/uploads/2016/03/como-descobrir-tom-subtom-pele-claro-medio-escuro.png>>. Acesso em 12 de Out. 2016.

Schucman (2012, p. 44) afirma que dentro dessa lógica, quanto mais escura a cor da pele de um indivíduo, mais perto da ideia de raça negra estereotipada e estigmatizada pelo racismo moderno ele está localizado, e quanto mais perto da cor de pele branca mais status ele ganha. Apesar de a figura 2 ainda ser um exemplo simplificado, já que existe ainda uma enorme gama de subtons de pele em meio aos da imagem, pode-se perceber claramente os pólos extremos dessa hierarquia. Seguindo esse raciocínio, mesmo dentro de um grupo composto somente por pessoas negras nem todas vão sofrer preconceito na mesma intensidade, visto que os negros de pele mais clara são privilegiados em relação aos negros de pele mais escura.

Pode-se dizer que o mesmo se aplica ao tipo de cabelo, uma vez que quanto mais liso ele for, mais bonito ele é considerado de acordo com os padrões de beleza eurocêntricos, ao passo que, quanto mais crespo ele for, menos ele é aceito socialmente. A figura 3 ilustra bem essa escala hierárquica relativa aos tipos de cabelo, onde os cabelos de tipo 1, os lisos, são considerados os mais bonitos e mais cobiçados pelas mulheres, enquanto que os cabelos de tipo 4, os crespos – especialmente o 4c, o mais crespo de todos -, são os mais rejeitados

socialmente, por estarem no extremo oposto do padrão de beleza caucasiano.

Figura 3 – Tipos de cabelo



Fonte: <<http://belezacrioula.blogspot.com.br/2016/07/cuidados-dos-cabelos-crespo-1-tipologia.html>>. Acesso em 12 de Out. 2016.

Segundo Costa (2012, p. 8), a partir dessas concepções instala-se, portanto, o que seria o padrão ideal de cabelo e de pele, cobiçado por todos, inclusive por crianças, a tal ponto que podem acarretar problemas de baixa autoestima para os que não o possuem, causando um sentimento de exclusão social. Coutinho (2009, p. 11) afirma que o sonho de ser branco e ter cabelos lisos percorrem o imaginário das crianças, que desde a fase de ensino escolar se deparam com um padrão de educação cristã, eurocêntrica e excludente reforçada por estereótipos que menosprezam todos os que fogem deste modelo, desconsiderando as multiplicidades existentes no ambiente escolar.

As pessoas aprendem a preterir tudo que é esteticamente referente ao negro, desde a cor da pele e o tipo de cabelo até o nariz. Não se nasce achando que o cabelo liso é bonito e que o cabelo crespo e/ou cacheado é feio. Toda essa construção social está ligada ao fato de que mesmo com o passar do tempo, o branco conseguiu conservar sua posição de superioridade – não exatamente do mesmo jeito e no mesmo grau, mas ainda com muitas prerrogativas -, fazendo com que os indivíduos não-brancos tentem de várias maneiras

possíveis alcançar essa posição, em busca de ascensão social e inserção em certos meios que lhes eram restritos.

Félix (2010, p. 6) afirma que é através desses conceitos de beleza, que cabelo “bom” é o cabelo liso; os indivíduos cedem a essa manipulação na tentativa de se emoldurar no perfil ditado pela sociedade como o ideal, utilizando vários meios para essa moldura, como a chapinha, relaxamentos, alisantes, entre outros processos de modificação do fio capilar. Segundo Cruz (2013, p. 77) os brasileiros vivem em uma luta árdua e constante em busca de sustentar uma aparência de privilégio, almejando uma suposta homogeneidade, ressaltando sua crença no mito das três raças e negando ao máximo sua negritude e suas diferenças. Isso só confirma que, de fato, as pessoas tendem a se sentir desconfortáveis na posição do “diferente”, do não aceito.

5 A RESSIGNIFICAÇÃO DA BELEZA NEGRA

De alguns anos para cá, a reafirmação do orgulho negro tem ganhado muita força no Brasil, principalmente por conta dos movimentos de resgate das origens e valorização da estética negra, como explica Braga (2016, p. 207). Dentre esses movimentos, se destaca a volta do cabelo natural, que vem ganhando cada vez mais adeptos e cuja difusão foi possível por conta da democratização dos meios de comunicação proporcionada pela globalização, principalmente por conta da internet, que segundo Mackenzie (2010, p. 131), vem dando voz a quem era ignorado pelas mídias tradicionais.

Pires e Mocellin (2016, p. 7) salientam que algumas páginas de redes sociais sobre o cabelo crespo e alguns vídeos do *Youtube* (tutoriais de manipulação do cabelo afro) têm auxiliado nesse processo de ressignificação do cabelo afro, além de vários blogs para cabelos cacheados e crespos, que incentivam à volta aos fios naturais e ensinam vários métodos para cuidar dos cachos da forma correta.

5.1 Tipos de cabelo

É importante compreender as diferenças entre os tipos de cacho, não só para entender a hierarquia existente entre eles, mas para aprender a cuidar de cada cabelo da forma adequada, respeitando as especificidades e aproveitando ao máximo o potencial e a beleza de cada um. Giampá (2016, p. 33) explica que cabelos cacheados e cabelos crespos não são exatamente a mesma coisa: nos crespos os cachos são bem fechados, começando desde a raiz; nos cacheados os cachos costumam ser mais abertos e a raiz, um pouco mais lisa; existe ainda o ondulado, que é encarado pela maioria das mulheres como um “liso armado”, que precisa de escova e/ou chapinha para “assentar”.

Além da divisão que separa os tipos de cachos em ondulados (tipo 2), cacheados (tipo 3) e crespos (tipo 4), há ainda uma segmentação em que cada um desses grupos é dividido em três subgrupos: A, B e C. Essa classificação foi criada pelo portal americano *Naturally Curly*², que baseado nas definições do *hairstylist* Andre Walker³, elaborou uma galeria com vários tipos de texturas de cabelos, onde utiliza imagens e descrições altamente

² *Naturally Curly* é um portal americano cuja missão é incentivar mulheres a terem discussões saudáveis, explorando assuntos que variam desde a autoaceitação até a procura do melhor produto de cuidado capilar para todas as texturas.

³ Andre Walker é um *hairstylist* dos Estados Unidos que ficou bastante conhecido por ser o cabeleireiro pessoal da apresentadora de televisão Oprah Winfrey e por ter criado o corte de cabelo curto que é a assinatura da atriz Halle Berry.

didáticas, visando auxiliar as consumidoras que procuram por produtos que melhor atendessem às necessidades dos seus tipos de cabelo.

É interessante cada pessoa aprender a identificar qual o seu tipo de cacho, pois segundo Giampá (2016) cada cabelo é único e pode ser formado por vários tipos de cachos de diferentes formatos e espessuras, que requerem produtos e cuidados de manutenção distintos.

5.1.1 Tipo 2 - Ondulados

Os cabelos tipo 2 possuem ondas e cachos próximos à cabeça e em forma de “S”, não ficam armados para cima nem quando são cortados em camadas. São divididos em 2A, 2B e 2C.

Figura 4 – Ondulados



Fonte: < <https://www.naturallycurly.com/pages/hairtypes/type2>>. Acesso em 21 de Maio 2017.

O tipo 2A é um cabelo levemente ondulado, que é constantemente confundido com um “liso desajeitado”. Giampá (2016, p. 73) costuma chamá-lo de “liso que quer ser ondulado”, pois é um cabelo que também passa facilmente por liso se passar pelo secador.

O ondulado 2B possui ondas um pouco mais acentuadas, além de contar com um brilho considerável. Possui muitas ondas, mas nenhum cacho. O fio é mais resistente e um pouco mais encorpado que o 2A.

O 2C é um ondulado mais encorpado que os anteriores e com mais volume. Quando estilizado adequadamente, ganha cachos brilhantes e mais consistentes que os dos tipos 2A e 2B. É mais resistente e mais propenso a frizz.

5.1.2 Tipo 3 - Cacheados

Os cabelos tipo 3 incluem dos cachos levemente encaracolados aos cachos muito encaracolados que são bem definidos. São encorpados e geralmente macios e finos. São divididos em 3A, 3B e 3C.

Figura 5 – Cacheados



3A

3B

3C

Fonte: < <https://www.naturallycurly.com/pages/hairtypes/type3>>. Acesso em 21 de Maio 2017.

O 3A é definido por Giampá (2016, p. 79) como um cacheado alegre, encorpado, que geralmente segue um padrão de formato em S, com cachos grandes, soltos e na maioria das vezes brilhantes. Esse tipo de cacheado é flexível e fácil de modelar.

O tipo 3B possui um formato espiralado, que lembra uma mola, e costuma ser bem definido. Geralmente o fio é fino e há cachos em abundância. Embora o fio seja frágil, sua textura pode ser grossa.

O cacheado 3C é o mais volumoso de todos os cacheados. Os cachos costumam ser predominantemente pequenos, com circunferência semelhante à de um lápis. Tem espirais esguias e apresenta mais textura e volume que os anteriores, apesar de possuir fios finos e frágeis. É um cabelo impactante, que emoldura facilmente o rosto.

5.1.3 Tipo 4 - Crespos

Os cabelos tipo 4 podem ser finos ou grossos, em espirais muito estreitas. Possuem menos camadas de cutícula do que qualquer outro tipo de cabelo, o que os tornam mais vulneráveis aos danos causados por pentear, secar e alisar. São divididos em 4A, 4B e 4C.

Figura 6 – Crespos



Fonte: < <https://www.naturallycurly.com/pages/hairtypes/type4>>. Acesso em 21 de Maio 2017.

Os fios 4A, conforme Giampá (2016, p. 83) explica, seguem um padrão “S” fechado, com espirais de uma espessura próxima à de uma agulha de crochê. Possui muitos fios finos que se mantêm unidos formando molas naturais. Sua textura é bem mais fina e frágil que a do 3C.

O crespo 4B não tem um padrão de onda definido, seguindo ângulos agudos em “Z”. Os fios são firmes e bem dobrados, o que os torna ainda mais frágeis que os 4^a. Encolhe até 75% do comprimento do cabelo real.

O cabelo 4C é um crespo que dificilmente segue um padrão: é livre e mutante. Pode alternar fios finos e grossos, dobrados, que fogem de definição caso não sejam estilizados. De todos os tipos de cabelo é o que mais sofre com o fator encolhimento⁴.

⁴ O fator encolhimento é uma das características marcantes dos cabelos cacheados e crespos, e corresponde ao percentual de encolhimento dos cachos em relação ao seu comprimento real. Por causa do formato dos fios (em “S”, espiral ou zigue-zague), estima-se que o cabelo pode encolher de 50% a 80% do seu comprimento atual. Isto significa que ele vai aparentar ter a metade (ou menos) do comprimento que ele tem de fato.

5.2 Transição capilar e *big chop*

Após anos de alisamentos capilares, é praticamente impossível que os fios voltem ao seu formato original por conta do excesso de produtos químicos. Sendo assim, a única alternativa para quem quer ter seus cachos de volta é passar pelo processo de transição capilar, que consiste em esperar o cabelo crescer sem fazer nenhum tipo de alisamento até que a raiz natural apareça e atinja um tamanho que o indivíduo julgue como satisfatório. Esse período pode durar algumas semanas, meses ou até mesmo alguns anos, dependendo da paciência – ou ausência dela - da pessoa que está em transição: quanto mais tempo demorar esse processo, mais evidente será a diferença entre a textura alisada e a textura natural, assim como mais comprido e volumoso os fios estarão quando chegar a hora de cortar. Depois disso, o próximo passo é realizar o *big chop*⁵, para que reste apenas o cabelo natural ou cabelo nenhum (nos casos em que se opta por raspar tudo). Ao cortar toda a parte alisada, a transição chega ao fim, já que as madeixas passam a ter somente uma textura.

Figura 7 – Textura natural x textura alisada



Fonte: <http://3.bp.blogspot.com/-AKiqF-0qmoY/VOZK_UzQRAI/AAAAAAAAABEk/apd2yNb7Ofs/s1600/Katia.jpg>. Acesso em 30 de Abr. 2017.

Na figura 7 é possível notar facilmente a disparidade entre a textura natural e a textura alisada. Tal disparidade é frequentemente apontada como um fator muito desestimulante durante a transição e ocasiona, muitas vezes, o encurtamento desse período,

⁵ *Big chop*, popularmente conhecido como BC, é uma expressão que em português significa “grande corte”. É o corte que marca o fim do período de transição, onde retira-se toda a parte do cabelo com química, deixando apenas as madeixas naturais. Em alguns casos significa passar a máquina zero ou um.

pois, devido à falta de paciência e de habilidade para lidar com as duas texturas, acaba-se optando por fazer o *big chop* mais cedo.

Pires e Mocellin (2016, p. 18) afirmam que dentre todas as mulheres, as crespas são as que mais sofriam com o preconceito da sociedade em geral, contudo, esse preconceito, nos dias atuais, é amenizado pela força dos movimentos ativistas negros em prol da igualdade racial, bem como pelo processo de reafricanização e valorização da negritude, onde o cabelo ganha lugar de destaque por ser um dos elementos do corpo que mais chama a atenção.

O principal anseio do brasileiro – nem todo brasileiro, é importante ressaltar - de hoje em dia é uma sociedade mais igualitária, que não esteja baseada em marcadores econômicos, sociais e raciais. E tudo isso afeta diretamente na forma como o brasileiro enxerga a si mesmo e o mundo.

[...] Queremos uma sociedade em que as características raciais das pessoas venham a mostrar-se socialmente irrelevantes, isto é, em que as oportunidades de todo tipo que se oferecem aos indivíduos não estejam condicionadas por sua inclusão neste ou naquele grupo racial. (REIS, 2009, p. 446)

É possível notar, conforme apontam Pires e Mocellin (2016, p. 7), que a utilização do cabelo natural, principalmente do *black power*⁶, requer um entendimento acerca do seu significado político, uma vez que esse estilo capilar ainda é alvo de preconceito e, por esse motivo, as pessoas que o utilizam são intituladas “mulheres negras de atitude”. Sendo assim, quem possui uma compreensão do sentido político e estético do cabelo afro natural detém mais autoestima para usá-lo, mesmo sendo alvo de preconceito. Pires (2015, p. 144) afirma que atualmente, para a mulher negra, o cabelo mostra, por um lado, uma luta contra o preconceito e, por outro, contra a imposição de como aquele deve ser utilizado.

Esses movimentos de resgate das origens da cultura negra não são uma crítica ao cabelo liso nem às mulheres que alisam os cabelos, mas sim uma negação à submissão ao padrão de beleza caucasiano que predominou durante séculos e que foi engendrado na sociedade ocidental através da moda, que além de ditar padrões de comportamento, de roupas e de gírias, dita também um modelo de cabelo “ideal”.

⁶ *Black Power* é o cabelo crespo que possui cachos tão pequenos que são praticamente imperceptíveis e que formam um grande volume capilar.

6 A TRANSIÇÃO CAPILAR ENTRE AS ALUNAS DE DESIGN-MODA

Este estudo tem como objetivo geral entender quais as relações entre a aceitação do cabelo cacheado/crespo e as discussões sobre racismo atualmente. A coleta de dados da pesquisa se deu através da realização de entrevistas estruturadas presenciais com cinco mulheres da cidade de Fortaleza que cursam Design-Moda no Instituto de Cultura e Arte (ICA) da Universidade Federal do Ceará (UFC) e que já passaram pela transição capilar. Para que os nomes das entrevistadas pudessem ser revelados, foi elaborado um termo de consentimento (apêndice A), para que todas as informantes ficassem cientes de que as imagens disponibilizadas através das redes sociais e os dados fornecidos na entrevista serão utilizados exclusivamente para fins acadêmicos.

O guia de entrevista (apêndice B) é composto por dez questões que, após a identificação do perfil do entrevistado, buscam abordar os seguintes objetivos específicos: entender as motivações que levaram essas estudantes a alisar os cabelos; reconhecer os impactos da supremacia do padrão de beleza branco na vida e na autoestima dessas mulheres; compreender por que elas decidiram passar pela transição capilar e saber se esse processo se restringiu apenas ao nível estético. Foram entrevistadas no total cinco mulheres durante o período de 05 de outubro de 2016 a 13 de outubro de 2016.

Após a realização das entrevistas, foram solicitadas a cada uma delas, via *internet*, fotos que retratassem períodos específicos de suas vidas, como a fase de alisamentos, a transição capilar e o *big chop*, além de uma foto mais atual. Dentre as cinco informantes, apenas Monique Elen não pôde fornecer as fotografias, por tê-las perdido junto com um *notebook* que acabou sendo extraviado durante uma viagem. As demais entrevistadas cederam as imagens solicitadas, porém nem todas elas dispunham de fotos de todos esses períodos. Por isso não há padronização em relação à quantidade de fotos nem aos períodos das vidas das moças entrevistadas.

A questão um buscava identificar o perfil da informante, abrangendo a idade e a renda mensal. Dentre as cinco entrevistadas, três delas tinham 20 anos na época do estudo de campo, já as outras duas tinham 24 e 29 anos, respectivamente. Quanto à renda mensal, duas informaram que são bolsistas da Universidade Federal do Ceará (UFC) e possuíam uma renda mensal correspondente aos R\$400 da bolsa, já as outras três relataram possuir uma renda mensal que variava de R\$800 a R\$1.200.

A questão dois objetivava descobrir quando cada uma alisou os cabelos pela primeira vez e durante quanto tempo persistiu no alisamento. Três das cinco entrevistadas alegaram ter começado a alisar os cabelos por volta dos dez anos de idade e continuaram alisando durante aproximadamente dez anos. Já as outras duas entrevistadas disseram ter iniciado os alisamentos por volta dos doze anos de idade e continuaram alisando por cerca de quatro a cinco anos.

Na questão três as informantes foram perguntadas sobre o que as outras pessoas diziam sobre os cabelos delas antes do alisamento e o que elas sentiam em relação ao cabelo em si e aos comentários dessas outras pessoas. Os comentários negativos e agressivos foram resposta unânime se tratando do que as pessoas diziam sobre os cabelos naturais, todas as entrevistadas relataram que ouviam constantemente críticas muito duras, o que acabava deixando-as tristes e inseguras. Três delas relataram ainda que essa experiência se agravou principalmente na escola, devido ao convívio com as outras crianças e ao fato de sofrerem *bullying* por causa do cabelo cacheado/crespo.

A minha família gostava, eu também gostava, só que foi mais tipo assim, pressão dos amiguinhos mesmo né, da escola, por que aí, tipo assim, as pessoas falavam ‘ai, tão falando mal do seu cabelo ali’, eu não ligava, mas os amiguinhos ligavam, aí eu comecei a ligar também. Eu não ligava praticamente, mas aí quando eu comecei a me importar eu ficava muito triste, por que tipo ‘O que que eu vou fazer? Nasce da minha cabeça né’, aí eu ficava muito triste, sem ter reação, eu chorava, criança ainda né, eu ficava muito triste porque na minha família quem tinha o cabelo assim era só eu. O da minha mãe era ondulado, parece aqueles cabelos de princesa que cê vê, o da minha irmã era igual, aí o da minha outra irmã que nasceu depois era cacheado também, só que o cachinho dela era bem perfeito e o meu era todo imperfeito e muito volume e aí as pessoas falavam que não era bonito, eu comecei a achar que não era bonito (Vitória Maria, 20 anos. Entrevistada em 05 de outubro de 2016).

Não diziam muita coisa... Os adultos não diziam muita coisa, antes de alisar não era uma questão... Agora quando eu ia pra escola era um problema. Eu usava tranças, então as outras crianças me chamavam de ‘predador’, que é um alienígena de um filme. Eu adoro o filme, mas ser comparada com um bicho feio daquele... Eu me sentia muito mal, muito mal. A partir do momento que as pessoas ficavam falando que o meu cabelo era feio, eu comecei a não me achar adequada, eu não achava que o meu cabelo combinava comigo, que o meu cabelo crespo que eu tinha nascido com ele não combinava comigo (Letícia Vieira, 24 anos. Entrevistada em 05 de outubro de 2016).

Mulher... eu cresci com a minha mãe dizendo que meu cabelo era ruim, que meu cabelo era feio e eu tinha que prender o meu cabelo. E tipo... foi mais no período de escola né, porque eu já alisei ainda criança, aí tipo (diziam) ‘Aah, cabelo de bucha, cabelo de bosta de rolinha’, (risos) vários apelidos pro meu cabelo e tipo, é, e eu cresci com isso né, tipo, ‘meu cabelo é ruim, é feio e eu tenho que mudar ele de alguma forma, ele não é bom assim do jeito que tá’. Ah, eu me sentia muito mal, porque quando eu via outros tipos de cabelo, eu achava que era o melhor cabelo né pra ser, era o liso, que era mais fácil, que era mais bonito, que era mais aceitável as pessoas olharem. Eu acho que eu não me sentia muito mal, eu me sentia mal né, por ter um cabelo ruim, mas eu acabei aceitando

isso, entendeu? Como condição de quem eu sou, entendeu? E eu tinha que ta sempre prendendo ele... prendendo e não podia soltar ele, então eu acreditava que era normal, natural, eu ter um cabelo tipo preso... prender o meu cabelo porque ele é ruim, entendeu? Eu acho que eu via dessa forma (Monique Elen Parente, 29 anos. Entrevistada em 13 de outubro de 2016).

Através dos depoimentos acima é possível perceber que as consequências da supremacia do padrão de beleza europeu são extremamente negativas para a autoestima das mulheres negras desde a infância, uma vez que, segundo Quintão (2013, p. 17) desde pelo menos o século XIX o cabelo crespo vem sendo associado às coisas ruins e o cabelo liso às coisas boas, fato que acaba por gerar sentimentos de tristeza, inadequação e insatisfação com a própria imagem. Tais sentimentos, em alguns casos, são potencializados principalmente no ambiente escolar, que de acordo com Coutinho (2009, p. 10), interfere negativamente na construção da identidade negra por ser um ambiente marcado pelo preconceito e discriminação contra a criança negra, que se torna alvo de brincadeiras, sejam elas feitas pelos professores ou colegas de classe, carregadas de estereótipos e estigmas que as alimentam de vergonha e diminuem sua autoestima.

Félix (2010, p. 7) afirma que ao entrar na sala de aula, a criança afrodescendente, no decorrer da sua escolaridade, tende a ser excluída e depreciada, sendo motivo de gozação, e alvo de muitos estereótipos. Em decorrência disso, ela passa a aceitar essa inferioridade que lhe é imposta, acreditando de fato que seu cabelo é “ruim”, é feio.

Os comentários hostis, para a maioria das garotas, eram proferidos por colegas e crianças da escola. Tal situação geralmente se restringia ao ambiente escolar, porém, para Monique, isso se tornou um problema também no ambiente familiar, principalmente em relação à mãe dela, que era a pessoa que mais reclamava sobre o cabelo dela e que, inclusive, foi quem a levou ao salão para fazer o alisamento capilar. Félix (2010, p. 5) explica que quando a criança negra entra na escola, ela se depara com um espaço totalmente estranho ao do ambiente familiar, onde muitas famílias negras educam as crianças desde cedo a gostarem de si mesmas e da sua estética. No entanto, no cenário familiar de Monique essa valorização era ínfima, o que acabou transformando o universo escolar em uma extensão das aflições que ela sempre sofreu dentro de casa.

A questão quatro procurava saber por que essas mulheres decidiram alisar os cabelos. Quatro delas explicaram que a principal motivação foram os comentários negativos que elas ouviam e a esperança de que fossem ficar mais bonitas e serem aceitas socialmente com o cabelo liso. Apenas uma delas teve como principal motivação a dificuldade em cuidar

do cabelo natural por conta da escassez de informações e profissionais que soubessem cuidar do cabelo crespo/cacheado.

Mas foi, eu acho que foi exatamente porque houve esse lado negativo, sabe? Porque as pessoas falavam ‘Ah, você é feia, o seu cabelo é feio, você parece o predador’ e quem quer parecer o predador? Que criança quer parecer o predador? Enfim, mudou a percepção do meu cabelo no sentido ruim porque todo mundo falava: ‘É feio, é feio, é feio’ (Letícia Vieira, 24 anos. Entrevistada em 05 de outubro de 2016).

Por que assim, na realidade eu tinha muitas dúvidas, porque eu queria usar ele solto mas eu não sabia como, porque eu sempre gostei muito de corte curto, mas nenhum cabeleireiro sabia, nenhum salão em nenhum canto sabem fazer corte. Queriam cortes retos, e nunca ficava bonito, eu nunca ficava bonita e eu sempre tinha que amarrar, sempre a minha finalidade era amarrar porque não saía um resultado bom. Então quando eu alisei era bem isso, pra tentar usar ele solto, sempre (Maria Juliana Sales, 20 anos. Entrevistada em 05 de outubro de 2016).

Figura 8 – Maria Juliana em 2010, 2012 e 2017 (da esquerda para a direita)



Fonte: Arquivo pessoal de Maria Juliana.

Na figura 8 podemos perceber algumas das fases pelas quais o cabelo de Maria Juliana passou. A foto de 2010 corresponde ao período em que ela ainda alisava os cabelos, a de 2012 mostra os cachos ainda com restos de alisante nas pontas e na foto de 2017 Juliana exhibe seus cabelos totalmente naturais.

Para quatro das entrevistadas, a necessidade de se encaixar nos padrões de beleza caucasianos foi o fator crucial e surgiu justamente a partir das críticas depreciativas e de cunho racista – como fica explícito no depoimento de Letícia -, proferidas por alguns dos integrantes de seus respectivos grupos de convívio social, os quais, segundo Santos (2009) exercem algum tipo de controle sobre as opções escolhidas para seus cabelos. Por meio desse preconceito racial, como explicam Pires e Mocellin (2016, p. 3), é observada a tentativa de embranquecimento da mulher negra, para ser aceita pela sociedade, pois conforme Coutinho

(2009, p. 81) os pré-requisitos de uma boa aparência são ser jovem, branca e ter o cabelo “liso”.

Para Costa (2016, p. 9) essa ação sobre o cabelo advém da noção de imperfeição, que gera a necessidade de aprimoramento e leva a uma interferência que proporcione uma aproximação com o que o grupo estabelece como ideal. O propósito, ao fim, é alcançar (ou no mínimo se aproximar ao máximo de) paradigmas instituídos/legitimados pelo grupo de inserção, pois este é o único caminho para poder ser validado como belo. Sendo assim, o ato de alisar os cabelos, segundo Schucman (2012), explicita a pressão sofrida por pessoas de cabelos cacheados ou crespos – principalmente os crespos, por questões de hierarquia -, para se inserir nos padrões de beleza, além de simbolizar a tentativa do negro de sair do lugar da inferioridade.

Apesar de apenas uma das entrevistadas, Maria Juliana, ter tido uma motivação diferente das demais, através do seu depoimento ela denunciou a escassez de profissionais qualificados para tratar dos cabelos cacheados/crespos, fato corroborado por Giampá (2016, p. 27) na sua obra ‘O livro dos cachos’ onde a autora explica que ao buscar cursos de cabeleireira e especializações em cabelos crespos, ela descobriu que o mercado profissional até então não oferecia tratamento para cabelos crespos além de alisamento e que nos cursos de cabeleireiro não havia sequer bonecas crespas. Mesmo nos melhores cursos profissionais até então se ensinava a cortar os crespos da mesma forma que os lisos: molhando, penteando e esticando, ou seja, indo totalmente contra a natureza dos fios.

Na questão cinco o objetivo era descobrir como as outras pessoas reagiram ao ver o resultado do alisamento capilar e saber se as entrevistadas ficaram satisfeitas ou não com o resultado do alisamento. Apenas uma das entrevistadas afirmou não ter gostado do resultado do alisamento, ela apenas se conformou por estar sendo elogiada dentro do seu ciclo social. As demais informaram que as pessoas gostaram, e que principalmente por conta da resposta positiva das pessoas, elas também ficaram satisfeitas com o resultado.

Completamente normal, como se já esperassem isso, entendeu? Foi tipo assim ‘Ahh finalmente, alisou seu cabelo’, ‘Ai seu cabelo mudou, nossa, que bom, ta muito mais bonito’, aí eu ficava triste porque... eu não tava achando bonito, entendeu? Mas as pessoas achavam que tava bonito, então tá, vamo fingir que tá bonito.

Não (gostei), porque nenhum alisamento pegava no meu cacho, porque, meu cabelo é cacheado só que ele é crespo, bem crespo, e aí não é, tipo assim aquele cacho que cê alisa e fica parecendo aquele liso natural, sabe. Fica bem na cara que, nossa, cê passou um trem no seu cabelo. Eu não achava legal, por que tipo assim, não parecia que tava nascendo da minha cabeça. E era um saco, a gente tinha condição de fazer isso só de 6 em 6 meses e olhe lá, às vezes uma vez no ano só, aí era tipo assim, primeiro mês com ele mais ou menos bonito e o resto do ano com ele feio lá, agüentando ele feio, horrível. Isso foi antes de começar a passar chapinha, depois foi

a mesma merda, foi horrível, era horroroso (Vitória Maria, 20 anos. Entrevistada em 05 de outubro de 2016).

Todo mundo falou que ficou lindo, e eu também achei lindo na época né, achei muito bonito, que tava tipo menos volumoso, que tava mais fácil pra pentear e todo mundo achava também muito bonito, é isso. Gostei, na época eu gostei, mas hoje eu olho as fotos e acho ridículo, mas na época eu achei bem bonito (Vitória Alves, 20 anos. Entrevistada em 13 de outubro de 2016).

Na figura 9 é possível notar quatro diferentes períodos capilares pelos quais Vitória Alves passou: a foto de 2015 retrata seus cabelos alisados, enquanto as duas fotos de 2016 correspondem respectivamente ao período de transição capilar e ao *big chop*. Já a última foto, a de 2017, mostra a aparência dos seus fios atualmente.

Figura 9 – Vitória Alves em 2015, 2016, 2016 e 2017 (da esquerda para a direita)



Fonte: Arquivo pessoa de Vitória Alves.

Desde o instante em que foram vistas com os cabelos alisados, foi notável a reação positiva das demais pessoas, causando um sentimento de pertença social, por mais que nem todas as entrevistadas estivessem totalmente satisfeitas com o resultado do alisamento em si. O fato de estarem sendo elogiadas e aceitas aumentava a confiança mais do que o alisamento por si só, como é possível perceber nos depoimentos acima. Segundo Coutinho (2009, p. 40), o corpo do negro, por ser estigmatizado e visto de forma depreciativa, acaba envolvido em uma pressão que o obriga a realizar modificações que atendam às exigências feitas pela sociedade. Nesse caso o alisamento capilar foi a solução encontrada pelas entrevistadas para atender essas exigências. O êxito que obtiveram em suprir as expectativas sociais serviu como um incentivo para que prosseguissem com as intervenções capilares, de forma a continuar dentro do padrão “aceitável”.

A única informante que relatou não ter gostado do resultado do alisamento foi Vitória Maria, cuja principal queixa foi em relação ao aspecto de liso “artificial” que o cabelo dela adquiriu. Ela deixa claro em seu discurso o desejo de ter um cabelo liso que parecesse realmente nascer da cabeça dela. Essa obstinação em ter fios alisados com aparência de naturalmente lisos é esclarecida por Quintão (2013, p. 53), que divide as mulheres que utilizam do alisamento para “disciplinar” os cabelos em dois grupos distintos: aquelas que aparentam ter os cabelos naturalmente lisos, e aquelas cujos fios indicam claramente terem sido submetidos a algum tipo de intervenção para obter a almejada “disciplina”. É importante acentuar que a disciplina capilar mais valorizada pela sociedade é aquela que tem a aparência natural, obtida sem qualquer tipo de esforço ou intervenção, como se a pessoa tivesse nascido com o cabelo “disciplinado”. Estes seriam os cabelos com um “liso perfeito”, “liso absoluto” ou, ainda, com “cachos comportados e definidos”.

A questão seis buscava entender por que elas decidiram parar de alisar os cabelos. Duas das informantes explicaram que além do desejo de autodescoberta, um fator muito decisivo foi a questão financeira: a manutenção do alisamento deveria ser feita constantemente (em uma frequência de aproximadamente três em três meses) e era muito dispendiosa. Já as outras três foram motivadas exclusivamente pelo fato de não se identificarem com o cabelo liso e sentirem curiosidade de redescobrir seus cabelos naturais.

Eu decidi parar primeiro porque eu tava sem dinheiro pra alisar, e depois porque um dia eu me olhei no espelho e pensei ‘Essa não sou eu’, então me veio uma curiosidade de saber como era o meu cabelo natural, porque eu já tava alisando há tanto tempo que eu nem lembrava mais como era o meu cabelo. Só que eu não passei pela transição de propósito, eu tava há 3 meses sem alisar, mas eu pretendia alisar de novo, só que como eu não tive dinheiro, eu resolvi cortar o meu cabelo ali naquela hora que eu me olhei no espelho (Monique Elen Vasconcelos, 29 anos. Entrevistada em 13 de outubro de 2016).

Por causa da manutenção né, que era muito complicada. E eu amo praia, então pra praia o cabelo alisado era muito mais complicado e quando ficava molhado, ficava muito feio, né, porque o cabelo alisado, eu acho que, o bonito dele, o cabelo liso, ele é mais bonito seco do que molhado, então ele ficava horrível na praia, e as fotos ficavam feias e eu não gostava da minha imagem daquela forma. E também, minha família inteira, a minha mãe, a minha irmã, todas as pessoas da minha família tem o cabelo cacheado, e eu ficava vendo como o delas – eu acho que por ser menos cabelo -, era muito mais bonito o cacho. E quando eu olhava pras minhas fotos antigas eu achava muito mais bonito meu cabelo cacheado do que ele liso né, e eu ficava muito mais feliz na manutenção do cacheado do que na manutenção do liso, acho que foi por isso, aí eu decidi parar, aí pronto... Só que quando eu parei de alisar veio aquela frustração né, de ter que esperar ele crescer, de não saber lidar e de voltar a amarrar ele sempre né, sempre tinha que voltar a amarrar (Maria Juliana Sales, 20 anos. Entrevistada em 05 de outubro de 2016).

Apesar de apenas duas das entrevistadas terem colocado o dispêndio econômico – problema que fica evidente no depoimento de Vitória Maria na questão anterior e no depoimento de Monique logo acima - como um motivo relevante, a vontade de redescobrir suas raízes, no amplo sentido da palavra, foi um fator em comum para todas elas. A partir disso, pode-se perceber que, a aparência física, através da volta ao uso do cabelo natural, conforme Sansone (2007) aponta, têm sido um meio pelo qual os negros reconhecem a si mesmos e, na busca por reverter os estigmas associados à negritude, tentam adquirir status e recuperar a dignidade.

A esperança de que a volta aos cachos pudesse proporcionar o sentimento de auto-reconhecimento e quebrar os estereótipos ligados ao negro está diretamente ligada ao pensamento de Lody (2004), que afirma que os cabelos assumem para os afrodescendentes a importância de resgatar, pela estética, memórias ancestrais, memórias próximas, familiares e cotidianas.

Na questão sete as mulheres foram perguntadas sobre quanto tempo durou o processo de transição capilar e sobre o que as demais pessoas diziam sobre os cabelos delas durante esse período. Os períodos de transição das cinco entrevistadas variaram de três meses (o processo mais curto) até quatro anos (o processo mais demorado), sendo que duas delas precisaram passar pela transição duas vezes: uma porque não sabia lidar com as duas texturas e passou alguns meses usando chapinha, o que acabou não permitindo a formação dos cachos; e a outra porque depois da primeira transição não ficou satisfeita com o cabelo e acabou fazendo química novamente, dessa vez um permanente afro. Sobre os comentários das pessoas durante a transição três das mulheres relataram terem sido encorajadas por grande parte das pessoas dos seus ciclos sociais, principalmente devido ao fato desse assunto ter ganhado mais destaque nos últimos anos.

Eu passei pela transição duas vezes, foi, eu comecei no final de 2012, aí fiquei 2013, e aí no meio de 2013 já dava pra cortar, ia ficar curtinho assim igual o seu, bem curtinho, mais curto, aí eu falei, pensei que não queria cortar porque queria que ele crescesse, aí eu falei ‘Não, vou passar chapinha então, até ele crescer’, aí deu dezembro, ele tava todo liso de novo e não voltava a cachear, por causa da chapinha. Aí eu fiquei 2014 inteiro esperando ele crescer. No início ele ficava mais ou menos liso, mais ou menos enrolado, ficava bem tipo assim, sem textura e eu não sabia as técnicas, não sabia que tinha outras meninas que passavam por isso, aí eu ia bem na fé mesmo, andava com ele preso ou então andava com ele solto, ele ficava meio ondulado assim, mas a medida que o tempo foi passando e ele foi crescendo, e aí depois eu fiz as mechas, deu uma ressecada nele aí ele ficou mais enrolado, aí eu tava amando, as pessoas começaram a achar bonito também, tava na moda né, tava naquela época de tá na moda, aí quando eu vi, tipo assim, a reação das pessoas, aí eu falei ‘Nossa, eu vou aproveitar esse negócio aí, que eu já tô pra tirar mesmo’, mas eu sabia que na hora que eu tirasse não ia tá assim, ia tá bem mais volumoso. Eu ficava

vendo as fotos de quando eu era criança pra ter uma idéia de como que ia ficar, então tipo assim ‘Gente, deixa eu me preparar de como vai ficar’, eu pegava as fotos, e nas fotos ele tava desse tamanho assim (gesticulando pra mostrar que era enorme) e bem cacheadinho, era mais cacheadinho do que hoje, hoje não é tão cacheadinho não, e eu tava assim me preparando, esperando aquilo (o big chop) (Vitória Maria, 20 anos. Entrevistada em 05 de outubro de 2016).

Na figura 10 podemos diferenciar seis fases pelas quais o cabelo de Vitória Maria passou. A foto de 2011 corresponde ao período dos alisamentos. Já a de 2012 corresponde à sua primeira tentativa de transição capilar, que acabou sendo frustrada por conta do uso da chapinha, o qual é retratado na fotografia de 2013. A fotografia de 2014 representa sua segunda transição, que por ter sido bem sucedida resultou no *big chop*, que aparece na foto de 2015. A sexta e última foto retrata uma fase um pouco mais recente do cabelo de Vitória, correspondendo ao fim do ano de 2016.

Figura 10 – Vitória Maria em 2011, 2012, 2013, 2014, 2015 e 2016 (em sentido horário)



Fonte: Arquivo pessoal de Vitória Maria.

A partir do momento em que as discussões sobre transição capilar e os movimentos de valorização da beleza negra ganharam força, iniciou-se uma mudança na percepção de algumas pessoas, que foram aos poucos deixando de acreditar na hegemonia do

padrão de beleza europeu. No depoimento de Maria Vitória é possível perceber que essa mudança de mentalidade serviu como um incentivo para que ela persistisse na transição. Pires e Mocellin (2016, p. 18) afirmam que por mais que as mulheres crespas sejam as que mais têm sofrido com o preconceito da sociedade em geral, esse preconceito, nos dias de hoje, é amenizado pela força dos movimentos ativistas negros em prol da igualdade racial, bem como pelo processo de reafrikanização e valorização da negritude.

A questão oito perguntava sobre a reação das outras pessoas ao verem o cabelo das informantes ao natural após a retirada de toda a parte alisada e questionava essas mulheres sobre como elas se sentiram diante dessa situação. Três das entrevistadas afirmaram que os principais comentários das pessoas eram em relação ao tamanho do cabelo, geralmente diziam que estava muito curto. A maioria das pessoas se chocava mais por conta da enorme mudança de textura e de tamanho, de repente um cabelo que era liso e comprido se transformava em curto e cacheado/crespo. A maior parte das mulheres relatou ter ficado feliz e satisfeita com a mudança e ao mesmo tempo surpresa pelo fato de ter mudado muito de uma hora para a outra.

Disseram ‘Tá muito curto!!!’ (risos). ‘Ai mulher, como tá curto, ah, mas tá lindo, agora tem que cuidar bem, não pode mais amarrar’. Ah, mas elas, no primeiro momento foi isso: ‘Ah não, tá curto, ah, mas tá bonito’ não sei o que (etc).

Eu me senti bem, não sei não, o natural sempre me chamou mais a atenção do que o artificial, então, eu acho que eu me encanto muito pelo natural, e aí muitas pessoas, a maioria, disseram que tava bonito, então assim, né. Elas diziam assim: ‘Ah, mas é porque teu rosto combina com tudo’, elas sempre justificavam né, elas nunca eram ‘Ah, tá lindo porque é natural’, elas não diziam isso, elas diziam justificando de outra forma né, elas nunca faziam uma referência somente ao cabelo, em nenhum momento quando as pessoas observavam ‘Ah, tá com o cabelo cacheado’, ‘Ah, tá com um corte novo’, elas não reparavam (só) no cabelo né (Maria Juliana Sales, 20 anos. Entrevistada em 05 de outubro de 2016).

Tipo assim, acharam muito estranho, porque eu tava com o cabelo enorme liso, aí de repente eu tava com o cabelo super curto e enrolado. As pessoas nem sabiam que eu tinha aquele cabelo, entendeu? Então foi muita surpresa. Eu até tava namorando um menino, aí ele (disse) ‘Ah, eu quero a minha namorada de volta, essa não é minha namorada’. Tipo, uma surpresa pras pessoas. Cara, na verdade, não me afetou. Foi até interessante assim, até pra mim, porque eu também não sabia, eu nem lembrava como era o meu cabelo. Pra mim também foi uma surpresa reconhecer o meu cabelo, entendeu? Porque quando ele foi crescendo, aí eu fui vendo ‘Caramba, eu tenho esse cabelo e eu nem lembrava que ele existia’ (Monique Elen Vasconcelos, 29 anos. Entrevistada em 13 de outubro de 2016).

Mesmo com a notável mudança na mentalidade das pessoas em relação ao cabelo crespo, um tabu que ainda persiste até os dias de hoje é a utilização de cabelos curtos por mulheres, o qual é possível perceber nos depoimentos acima. A mulher de cabelos curtos é frequentemente vista com estranheza pelas outras pessoas, uma vez que, na sociedade ocidental os cabelos curtos são associados à figura masculina enquanto os longos são

associados à feminilidade e à sensualidade. Cruz (2013, p. 43-44) explica que a partir do cabelo a mulher brasileira pode exercer a sua sedução, e a partir desse cabelo, pode também ser comparada ou não ao padrão normativo, que é conhecido pelo “cabelo bom”, “cabelo que balança”, “cabelo sensual”.

A questão nove buscava entender se hoje em dia essas mulheres se sentem mais bonitas com o cabelo natural e se foi uma mudança somente externa. Quatro das informantes afirmaram que se sentem mais bonitas hoje do que na época em que alisavam os cabelos e apenas uma delas afirmou que não se sente mais bonita hoje, pois ela sempre se achou bonita em todas as fases da vida dela independentemente do cabelo/penteado que estivesse usando. Todas afirmaram que a mudança não foi somente externa, foi interna também, além de ter transformado a forma como elas se vêem e proporcionado mais liberdade.

Sim, bem mais bonita! Bem mais bonita mesmo. Eu me sinto realmente eu, entendeu? Com o cabelo liso na época eu não me sentia eu, eu me sentia o que as pessoas queriam que eu fosse. Agora eu me sinto realmente o que eu quero ser. Foi uma mudança interna, foi uma questão de aceitar mesmo o que eu realmente sou e de não deixar as pessoas me julgarem nem dizer o que eu devo ou não fazer. Foi isso mesmo de aceitação do que eu realmente sou. É isso (Vitória Alves, 20 anos. Entrevistada em 13 de outubro de 2016).

Ah, eu me sinto mais tudo de bom, tipo, mais bonita, mais feliz, me reconhecendo como realmente eu sou, entendeu? Porque antes eu olhava pro espelho e, foi a partir desse momento que eu olhei e vi ‘Caramba, quem eu sou? Tipo, eu não sei mais’, e aí hoje eu sei, hoje eu me reconheço, olhando pro espelho e vendo meu cabelo, caramba, sou eu, faz parte da minha identidade.

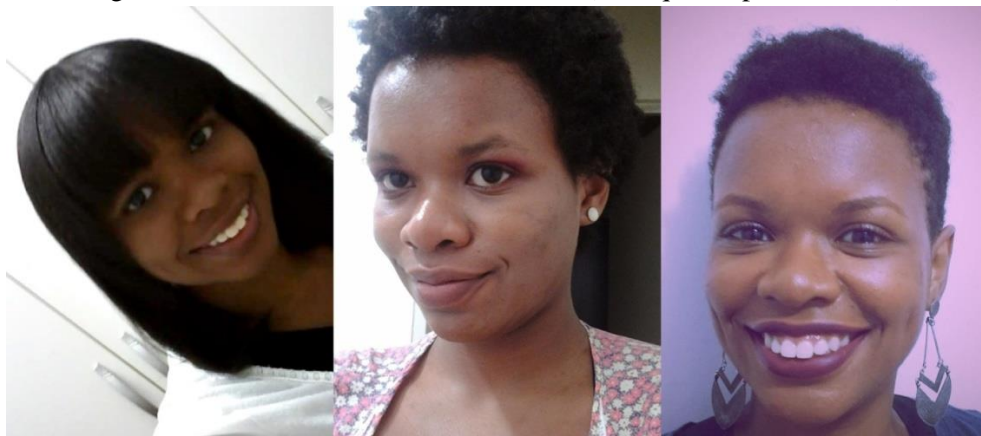
Internamente com certeza. Estética também né, e internamente mudou demais, entendeu? Porque, cara, foi uma barreira que foi quebrada de uma construção que foi me passada de que o meu cabelo era feio, era ruim e tal, e teve que ter todas essas quebras, entendeu? Até eu entender e olhar pro espelho e conseguir me enxergar ‘Cara, eu sou bonita, meu cabelo é bonito’, não foi fácil. Tanto isso tem que ser internamente quanto externamente né. Primeiro vai ser externamente, você corta o cabelo e tal, mas internamente a partir do momento em que você passa a se olhar no espelho e pra você se achar bonita e achar que o seu cabelo é bonito não é fácil, porque foi uma vida inteira construindo, dizendo que o seu cabelo era feio. Então isso tem que ser quebrado também internamente (Monique Elen Vasconcelos, 29 anos. Entrevistada em 13 de outubro de 2016).

Eu não vou dizer que eu me sinto mais bonita, seria mentira, porque eu sempre me achei bonita, tipo, quando eu alisava o cabelo e fazia franjinha, eu me achava top sensacional e Jesus Cristo... Eu não, não me achava feia. No caso as pessoas sempre tavam falando que eu era feia né. Eu não me achava feia, eu acho que é só um cabelo, tipo, eu vou ser bonita independente disso! Eu não consigo dizer se foi a partir da mudança do meu cabelo que eu vi a mudança da minha condição como mulher negra, e essas coisas, mas eu posso dizer que influenciou, porque tipo... Eu nem sei se tem em uma das suas perguntas, tipo... Eu só mudei meu cabelo de liso pra crespo, eu só assumi meu cabelo natural porque eu vi uma menina que fez isso, tipo, no meu cursinho, e ela ficou muito bonita, aí eu pensei ‘Cara, eu acho que eu vou tentar também, porque eu acho que eu também posso ficar bonita, talvez eu possa me adequar assim como ela se adequou, tipo, ao cabelo dela’ (Letícia Vieira, 24 anos. Entrevistada em 05 de outubro de 2016).

Em seu depoimento, Vitória Alves esclareceu que a mudança proporcionada pela transição capilar foi fundamental para que ela recuperasse sua autoestima e enfatizou que hoje em dia ela finalmente se sente livre para ser quem ela realmente é, além de sentir-se plenamente satisfeita com seu cabelo, o qual, segundo Pires e Mocellin (2016, p. 3), a partir dessa mudança de status, passa a ser visto como a marca que melhor e mais decididamente que qualquer outra expressa o orgulho negro. É o penteado transformado em manifesto e resistência.

Já Letícia, por mais que tenha sido a única a alegar que sempre se achou bonita independentemente da aparência do seu cabelo – essa percepção acerca de si mesma mudou apenas a partir do convívio com outras crianças no estressante ambiente escolar, como ela relatou nas questões três e quatro -, confessou que a transformação capilar teve sim influência na forma como ela se via enquanto mulher negra. O cabelo passou então, a significar para ela e para todas as informantes o que Coutinho (2009, p. 13) descreve como “símbolo de expressão da consciência e valorização de uma pertença negra”, e através do qual se demonstra o sentimento que começa a crescer dentro da sociedade: o sentimento de aceitação do seu cabelo e corpo, que é, agora, sustentado em estilos próprios e ostentado pelos negros. Em consonância com esse pensamento, Gomes (2012, p. 2) explica que essa revalorização transcende o indivíduo e atinge o grupo étnico a que se pertence, e que, ao atingi-lo, acaba remetendo (nesse caso de forma consciente) a uma ancestralidade africana recriada no Brasil. Essa transformação torna-se então, muito mais que uma mudança meramente estética, ela adquire um significado intangível, representando um processo de autoconhecimento e autoaceitação.

Figura 11 – Letícia em 2011, 2014 e 2017 (da esquerda para a direita)



Fonte: Arquivo pessoal de Letícia.

Na figura 11 podem-se distinguir três diferentes fases capilares percorridas por Letícia. A fotografia de 2011 corresponde ao período em que ela alisava os cabelos e mantinha uma franja, com a qual ela mesma alegou durante o depoimento, se sentir “top sensacional”. Já a foto de 2014 mostra a aparência do seu cabelo após o *big chop*, enquanto a última foto, do início de 2017, retrata seus fios mais recentemente.

A questão dez finaliza a entrevista perguntando se elas voltariam a alisar os cabelos. Quatro das entrevistadas responderam que jamais alisariam de novo, porém uma das quatro informou que em alguma ocasião específica ela poderia utilizar chapinha, mas que alisamento definitivo ela não faria novamente. Apenas uma das informantes afirmou que alisaria os cabelos novamente, mas somente em uma parte da cabeça, para fazer um penteado específico.

Jamais! Fiz escova depois que ele voltou pra ver como que ficava, não me reconheci. Não alisaria não (Vitória Maria, 20 anos. Entrevistada em 05 de outubro de 2016).

Sim, alisaria, mas acho que não inteiro. Dá muito trabalho manter e requer mais dinheiro do que eu tenho. Eu tô pensando em fazer *undercut*⁷ e acho que fica mais bonito se eu alisar as partes mais raspadas (Letícia Vieira, 24 anos. Entrevistada em 05 de outubro de 2016).

Além de todo o dispêndio econômico citado por Letícia, o sentimento de aceitação e identificação com o cabelo natural também foram fatores muito relevantes para que as informantes decidissem não alisar mais os cabelos. De acordo com Nascimento (2003, p. 41), a partir da adoção de estilos visuais ou de estéticas de apresentação pessoal (como o uso de trancinhas, por exemplo), o corpo passa a construir um campo de afirmação de identidades de resistência, onde nesse caso, o cabelo adquire posição de destaque. Gomes (2012, p. 2) explica que o cabelo crespo e o corpo negro, enquanto pensados pela cultura, podem ser considerados expressões e suportes simbólicos da identidade negra no Brasil. Eles não podem ser considerados meramente como dados biológicos, pois juntos eles possibilitam a construção social, cultural, política e ideológica de uma expressão criada no seio da comunidade negra: a beleza negra.

⁷ *Undercut* é um corte de cabelo que tem como característica principal o fato de ter os fios laterais e da nuca visivelmente mais curtos que os do topo da cabeça. Pode ser feito com uma máquina de cortar cabelos ou até mesmo com uma tesoura.

CONCLUSÃO

É muito comum a negação da existência do racismo no Brasil pelo fato de predominar no imaginário da maioria da população, até os dias de hoje, uma visão muito romantizada sobre a miscigenação brasileira. Frequentemente associa-se o Brasil a um paraíso de diversidade racial, mas a história da dinâmica racial no Brasil mostra que o branco conserva uma posição de superioridade em detrimento do negro, que é constantemente estigmatizado e associado a coisas ruins. Essa mácula do negro é explicada por vários autores, que mesmo divergindo em algumas questões, costumam apontar o branqueamento – nesse caso através das relações inter-raciais -, como uma “solução” para amenizar, ou até mesmo eliminar tais estigmas.

Essa predominância do indivíduo branco em função do negro acaba por acarretar diversos transtornos para os negros, que crescem acreditando estarem fadados a um lugar de inferioridade, do qual dificilmente poderão sair. Isso ocorre porque o meio social – no qual se repassam padrões de comportamento e beleza - ensina às pessoas a desde cedo admirarem tudo que se enquadra no ideal de beleza caucasiano. Logo, o negro desde criança, passa a negar a si mesmo, a rejeitar todas as suas características, principalmente físicas, que remetem mesmo que remotamente a alguma africanidade, na esperança de que através da negação de si mesmo ele passe a ser aceito socialmente, ou pelo menos tolerado. Dessa forma, a construção da identidade negra se torna um desafio árduo em meio a esse contexto de racismo cotidiano.

Quando se trata do processo de formulação identitária, o cabelo crespo assume uma posição simbólica significativa, já que na interação entre grupos étnicos distintos – nesse caso entre brancos e negros -, ele adquire status de elemento de afirmação de identidade e carrega particularidades do indivíduo e da etnicidade de um povo, além de ser um importante meio de expressão. O cabelo, assim como a cor da pele, pode originar hierarquias, nas quais é atribuído ao cabelo liso, que é visto como o “ideal”, o pólo positivo, enquanto o cabelo crespo fica no extremo oposto. Estabelecida essa relação, as pessoas passam então a cobiçar os cabelos lisos e preterir os cabelos cacheados e crespos.

A partir do momento em que os indivíduos negros – principalmente as mulheres -, se veem obrigados a ceder a essa pressão para negarem a si mesmos, eles passam a recorrer a certos artifícios para obter a tão desejada aparência de privilégio, dentre os quais se destacam os métodos de alteração da estrutura do fio capilar, já que através do cabelo é possível reforçar ou até mesmo negar identidades. Apesar dos homens negros também serem atingidos

por essa negação da própria identidade, esse problema recai mais sobre as mulheres negras, pois elas além de serem acometidas pelo racismo, tendo que alisar os fios para se aproximarem do padrão de beleza estabelecido pela moda, sofrem também com as exigências de que esses cabelos têm de preencher os requisitos de “cabelo sensual” com fios longos e que balançam.

Desde a infância, muitas mulheres passam a sentir na pele – e no cabelo - os impactos do racismo no dia-a-dia. Racismo esse, que se mostra principalmente na supremacia do modelo de beleza europeu ditado pela moda, e conseqüentemente, na rejeição de tudo que diz respeito ao negro, desde os aspectos culturais e religiosos até a estética. E quando se trata de estética negra, um dos elementos que mais se destaca e mais incomoda a sociedade é o cabelo, a ponto de expressões como “cabelo ruim” e “cabelo duro” serem utilizadas para depreciar quem tem os cabelos cacheados ou crespos. Essa rejeição das características fenotípicas negras leva as mulheres a fazerem intervenções na aparência, buscando atenuar seus traços negros mais notáveis, como os cabelos cacheados/crespos, por exemplo, conforme mostraram as falas das mulheres abordadas neste trabalho.

Além de crescerem em meio à hegemonia do ideal de beleza caucasiano, as alunas de Design-Moda da Universidade Federal do Ceará relataram ter sofrido com as críticas por parte de integrantes dos seus respectivos ciclos sociais, que costumavam menosprezá-las por conta do cabelo em seu estado natural. Por mais que nem todas as mulheres tivessem sofrido com essas críticas na mesma proporção – algumas delas foram mais depreciadas que as outras -, todas elas em algum momento se sentiram inadequadas. A partir desse momento, elas resolveram recorrer ao alisamento capilar, que se tornou então uma forma de fugir dos estigmas associados ao negro e também um meio de inserir-se nos padrões, de adquirir requisitos que as fariam se aproximar mais do que o que é considerado, socialmente e pela moda, como “belo”.

Quando se deram conta de que com o alisamento capilar as pessoas passaram a aceitá-las mais e considerá-las mais bonitas, elas finalmente passaram a se sentir socialmente adequadas e isso acabou servindo como um incentivo para que continuassem alisando durante anos. No entanto, cada uma dessas mulheres, ao chegar a uma determinada fase da vida, passou a se sentir insatisfeita com esse ciclo vicioso dos alisamentos. Um grande incentivo para que iniciassem e/ou prosseguissem com o processo de transição capilar, além do desejo de auto descoberta, foi o encorajamento que partia de várias pessoas pelo fato desse assunto ter ganhado certo destaque nas discussões sobre racismo nos últimos anos. A partir disso

nota-se que houve uma mudança tanto em relação à percepção das informantes sobre si mesmas (já que durante e após a transição passaram a se aceitar como realmente são) quanto em relação a algumas pessoas ao redor delas que acompanharam esse período (que as apoiaram e passaram a ser mais tolerantes com as diferenças).

Independentemente de qual tenha sido o principal incentivo (financeiro ou emocional) para que cada uma passasse pela transição capilar, todas elas afirmaram que a mudança definitivamente não foi meramente estética. Esse processo transformou a visão de cada uma delas acerca da própria identidade e as ensinou – não somente a elas, mas a várias pessoas - que não existe “cabelo bom” nem “cabelo ruim”, são apenas cabelos diferentes. Esse resgate das raízes passa a ser então uma ressignificação da beleza negra.

A partir das questões abordadas neste trabalho, abrem-se precedentes para outros possíveis desdobramentos acerca deste objeto, como a análise dos significados de algumas intervenções capilares temporárias para os negros, como *dreadlocks* (penteado que se caracteriza por madeixas entrelaçadas em forma cilíndricas que não costumam ser penteadas nem cortadas), tranças de raiz, *box braids* (tranças feitas com material sintético trançado junto ao cabelo natural); as diferentes intervenções capilares definitivas (permanente afro, relaxamento, alisamento); a propaganda de produtos cosméticos para cabelos cacheados e crespos; os desafios do pós-transição capilar e a cobrança do “cacho perfeito”; as percepções e critérios de classificação racial no Brasil e usos da juventude negra brasileira conhecida como geração tombamento. Tais desdobramentos poderão vir a ser desenvolvidos em trabalhos futuros, como em um projeto de pós-graduação.

REFERÊNCIAS

- BRAGA, Larissa Adams. Blogueiras negras em destaque na Revista Raça Brasil: promovendo o orgulho através da estética. **Revista Temática**. Ano XII, n. 05. Maio/2016. NAMID/UFPB. Disponível em: <periodicos.ufpb.br/index.php/tematica/article/view/28924>. Acesso em: 28 maio 2016.
- COSTA, Iraneide Santos. **Por que o cabelo (não) é ruim?**. Universidade Federal da Bahia, 2012. Disponível em: <http://www.uneb.br/xique-xique/dcht/files/2012/08/Por_que_o_cabelo_nao_e_ruim-Iraneide_Costa.pdf>. Acesso em: 11 out. 2016.
- COUTINHO, Cassi Ladi Reis. **A estética dos cabelos crespos em Salvador**. Dissertação de Mestrado em História Regional e Local, Universidade do Estado da Bahia, Santo Antônio de Jesus, 2009.
- CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**; tradução Luciana de Oliveira da Rocha. – 2ª ed. – Porto Alegre: Artmed, 2007.
- CRUZ, Cintia Tâmara Pinto da. **Os cabelos mágicos: identidade e consumo de mulheres afrodescendentes no Instituto Beleza Natural**. 196 p. Orientadora: Angela Figueiredo. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Recôncavo da Bahia, 2013, 142 p.
- CRUZ NETO, Otávio. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: Teoria, Método e Criatividade**. 14ª ed. Ed. Vozes; Petrópolis, 1999.
- DA MATTA, Roberto, **Relativizando: uma introdução à Antropologia Social**, Petrópolis Vozes, 1981.
- FÉLIX, Sayara de Brito. Cabelo bom, cabelo ruim: A construção da identidade afrodescendente na sala de aula. **Revista África e Africanidades**, ano 3, nº 11, novembro 2010. Disponível em: <http://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/01112010_25.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2017.
- FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**. 48ª ed. rev. São Paulo: Global, 2003. 719 p.
- GIACOMINI, Sonia Maria. **A Alma da festa**. Família, etnicidade e projetos num clube social da Zona Norte do Rio de Janeiro, o Renascença Clube. Belo Horizonte: Ed UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2006.
- GIAMPÁ, Sabrinah. **O livro dos cachos: Aprenda a amar e cuidar do seu cabelo como ele é**. 1ª ed. – São Paulo : Paralela, 2016.
- GOMES, Nilma Lino. **Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. São Paulo, 2012. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/Corpo-e-cabelo-como-s%C3%ADmbolos-da-identidade-negra.pdf>.

Acesso em: 4 maio 2016.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. In: **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 29, n. 1, p. 167-182, jan./jun. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v29n1/a12v29n1>>. Acesso em: 16 abr. 2017.

GUIMARÃES, Antônio S. Alfredo. **Democracia racial**. Universidade de São Paulo. Cadernos Penesb, Niterói, 2002. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/sociologia/asag/Democracia%20racial.pdf>>. Acesso em: 13 nov. 2015.

_____. **Racismo e anti-racismo no Brasil**. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo; Ed. 34, 1999. 256 p.

_____. Combatendo racismo: Brasil, África do Sul e Estados Unidos. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/0D/rbcsoc/v14n39/1724.pdf>>. Acesso em: 28 maio 2016.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. - São Paulo : Atlas 2003.

LEITÃO, Débora K. O Brasil é uma paisagem: moda, nação, identidades e outras invenções. **Iara** – Revista de Moda, Cultura e Arte, São Paulo, v.2, n°2, p. 140-163, out./dez. 2009. Disponível em: < http://www1.sp.senac.br/hotsites/blogs/revistaiara/wp-content/uploads/2015/01/07_IARA_vol2_n2_Artigo.pdf>. Acesso em: 4 maio 2016.

LODY, Raul. **Cabelos de Axé: Identidade e resistência**. Rio de Janeiro: Editora Senac Nacional, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

MACKENZIE, Mairi. Século XXI. In: **...Ismos para entender a moda**. Editora Globo, 2010. Cap n°4.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8° Ed. São Paulo: Hucitec.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **O sortilégio da cor: identidade, raça e gênero no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2003. 416 p.

NEVES, José Luis. **Pesquisa qualitativa** – Características, usos e possibilidades. Caderno de pesquisa em administração. São Paulo, v. 1, n° 3, 2° sem., 1996.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. 5ª ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2003. 152 p.

PIRES, Karen Tolentino de. **“Crespa ou Alisada”**: os diferentes significados da manipulação do cabelo afro entre mulheres negras da cidade de Santa Maria-RS. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015.

PIRES, Karen Tolentino de; MOCELLIN, Maria Clara. Manipulando cabelos e identidades: um estudo com mulheres negras em Santa Maria-RS. **Revista África e Africanidades**. Rio de Janeiro, ano 9, n. 21, jan-abr. 2016. Trimestral. Disponível em: <www.africaeaficanidades.com.br/documentos/0120210042016.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2017.

QUINTÃO, Adriana Maria Penna. **O que ela tem na cabeça?** Um estudo sobre o cabelo como performance identitária / Adriana Maria Penna Quintão. – 2013, 196 p. Orientador: Julio Cesar de Souza Tavares. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de Antropologia, 2013.

REIS, Fábio W. O mito e o valor da democracia racial. In: **Mercado e Utopia** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009, pp. 445-458. Disponível em: SciELO Books <<http://books.scielo.org>>. Acesso em: 6 maio 2016.

SANSONE, Lívio. **Negritude sem Etnicidade:** o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra do Brasil. Salvador/Rio de Janeiro: EDUFBA/Pallas, 2007.

SANTOS, Tanimara Elias. **Corporalidade e identidades políticas:** análise de elementos estéticos em mulheres negras do Distrito Federal. Monografia de Conclusão de Curso em Antropologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”:** raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana / Lia Vainer Schucman; Orientadora Leny Sato. -. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Social) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012. 160 f.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário:** cor e raça na sociabilidade brasileira. 1ª ed. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

SILVA, Patrícia da; SANTOS, Eleonora Vaccarezza. Estética negra: vivência da identidade e negritude em mulheres sergipanas. Veredas – **Revista Eletrônica de Ciências**, Caruaru, vol. 7, nº 2, 2014. Disponível em: <<http://veredas.favip.edu.br/ojs/index.php/veredas1/article/view/247/295>>. Acesso em: 19 jun. 2016.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do Projeto: O cabelo como elemento de valorização da identidade da mulher negra

Eu, Beatriz Amorim Lindoso, aluna do curso Design-Moda da Universidade Federal do Ceará, venho solicitar a _____ a autorização para o uso de seu nome e dados fornecidos em entrevista presencial assim como o uso de imagens disponíveis na *internet* para enriquecer a pesquisa monográfica “O cabelo como elemento de valorização da identidade da mulher negra”. A monografia tem como intuito entender quais as relações entre a aceitação do cabelo cacheado/crespo e as discussões sobre racismo atualmente. Todos os dados e imagens serão utilizados exclusivamente para fins acadêmicos.

Fortaleza, ____ de _____ de 2016.

Nome do Pesquisador

Nome do Concessor

APÊNDICE B – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS**GUIA DE ENTREVISTA**

NOME: _____

1 Identificação do perfil do entrevistado:

- a) Idade: _____
- b) Curso: _____
- c) Renda mensal: _____

2 Quando você alisou os cabelos pela primeira vez e durante quanto tempo você continuou alisando?

3 Antes de você alisar o que as pessoas diziam sobre o seu cabelo? O que você sentia em relação ao seu cabelo e ao que as pessoas diziam?

4 Por que você alisou os cabelos?

5 Como as pessoas reagiram ao ver seus cabelos alisados? Como você se sentiu ao ver o resultado do alisamento?

6 Por que você decidiu parar de alisar os cabelos?

7 Quanto tempo durou seu processo de transição capilar? O que as pessoas diziam sobre o seu cabelo nesse período?

8 Quando você retirou totalmente a parte alisada o que as pessoas disseram? Como você sentiu?

9 Você se sente mais bonita hoje com o cabelo natural? Para você foi uma mudança somente externa? Por quê?

10 Você alisaria seu cabelo novamente?